

OS DOZE GOZOS

LEOPOLDO LUGONES



O TEXTO: Os doze sonetos aqui presentes fazem parte do livro *Los crepúsculos del jardín*, a obra poética mais inovadora de Lugones. Costuma-se lembrar nela a presença da musicalidade de Paul Verlaine, mas também de Walt Whitman e de Allan Poe. No entanto, este conjunto de sonetos que poderíamos denominar de “poesia impressionista”, de imediato me traz à mente versos de Bernardino Lopes: “O meu divan de seda roxa,/ A bata carmezim de estranho adorno” ou “Fim de tarde serena e violetada...”, cuja semelhança com o poeta argentino ‘impressionista’ pela coincidência, talvez por conta do mesmo ar decadente respirado por ambos. De resto, vale notar que estes versos são apenas uma parte da diversidade crepuscular do livro, onde encontramos também versos livres.

Texto traduzido: Lugones, Leopoldo. *Los crepúsculos del jardín*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1992.

O AUTOR: além de poeta, Leopoldo Lugones (1874-1938) foi historiador, contista, crítico, ensaísta e helenista (tradutor de Homero). Nasceu em Villa María del Río Seco, na província de Córdoba, Argentina, e suicidou-se durante um passeio numa das ilhas del Tigre. Segundo Borges, “se tivéssemos que reduzir num homem todo o processo da literatura argentina, esse homem seria indiscutivelmente Lugones”. É um dos primeiros modernistas da América hispânica, ao lado de José Martí, Manuel Gutiérrez Nájera, José Asunción Silva e, claro, Ruben Darío. Em poesia publicou, entre outras obras, *Las montañas del oro* (1897), *Los crepúsculos del jardín* (1905), *El libro fiel* (1912) e *Las horas doradas* (1922).

O TRADUTOR: Camilo Prado (Brasil, 1969). Narrador, tradutor e editor. Fundou e dirige as Edições Nephelibata. Atualmente é doutorando em Literatura na UFSC, com tese em tradução da obra *Tribulatio Bonhommet*, de Villiers de L'Isle-Adam.